Introdução

Na carta de 20 de Julho de 1914, Mário de Sá-Carneiro confirma a intuição do seu correspondente: "Você tem razão, que novidade literária sensacional o aparecimento em 1970 da Correspondência inédita de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro" – antecipando a importância da publicação dessa troca epistolar, Pessoa estaria a manifestar muito precocemente a consciência de que também esses textos seriam já peças fundamentais para a composição desejada de uma imagem futura. Se desse volume só podemos hoje ter uma versão muito lacunar, o conhecimento progressivo da correspondência de Pessoa com outros interlocutores foi permitindo, na tradição crítica pessoana, uma reflexão continuada, não só sobre a obra poética, mas também sobre os modos da sua continuada ficcionalização. As cartas de Pessoa foram desde muito cedo entendidas pelos seus destinatários como metapoéticas, e como tal destinadas à posteridade. Os seus leitores mais argutos tomaram-nas igualmente como textos literários, a pressupor uma leitura que suspendesse a crença na univocidade referencial do género epistolar. Adolfo Casais Monteiro, na apresentação da carta de 13 de Janeiro de 1935 divulgada no número 49 da *presença* (Junho de 1937), lia-a precisamente como obra literária, mas os seus leitores não guardaram este aviso. A longa história da aceitação da famosa carta sobre a génese dos heterónimos como chave biografista para a obra pessoana é exemplo do equívoco que resulta da não contemplação da natureza crítica e ambígua do epistolar em Pessoa.

O número anterior da *presença*, de Julho de 1936, que homenageava o poeta recentemente falecido, começava precisamente com a publicação de "Fragmentos de algumas cartas de amor de Fernando Pessoa" e dava a conhecer a missiva de 11 de Dezembro de 1931 a João Gaspar Simões. Na década seguinte, dois anos depois de, em 1942, as Edições Ática começarem a publicação da poesia pessoana, Joel Serrão editou a correspondência de Pessoa com Armando Côrtes-Rodrigues. Os leitores foram assim tendo acesso tanto à poesia quanto à obra não imediatamente literária, como as *Páginas de Doutrina Estética* (editadas por Jorge de Sena, em 1946) ou a correspondência. Esta simultaneidade não deixou de ter consequências hermenêuticas, pois a articulação entre estes diferentes tipos de textos sempre foi um desafio para leitores e críticos, como demonstra desde logo a edição da

ISSN 2183-4075

correspondência pessoana por Manuela Parreira da Silva, em 1998, assim como o seu estudo, publicado em 2004, *Realidade e Ficção: para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*.

Ao longo das últimas décadas, o *corpus* epistolar pessoano foi crescendo e foi sendo interrogado de diferentes modos; mas talvez a interrogação mais produtiva tenha sido a da natureza do epistolar na obra de Pessoa. Nesse sentido, os estranhamentos da carta a Adolfo Casais Monteiro de 13 de Janeiro de 1935 por Abel Barros Baptista e Miguel Tamen implicaram uma fundamental revisão crítica da poética pessoana e das suas chaves de leitura.

O presente número da revista *Estranhar Pessoa* acolhe versões escritas de algumas das intervenções orais apresentadas no Seminário do Projecto que ocorreu a 17 e a 18 de Junho de 2024 na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob o tópico *Assuntos Epistolares*. O propósito do encontro foi o de continuar a pensar Pessoa a partir deste *corpus* e de algumas questões por ele levantadas. Alguns dos ensaios agora publicados (Manuela Parreira da Silva, Enrico Martines, Carlotta Defenu, Pedro Madeira) detêm-se no contacto epistolar entre Pessoa e um destinatário ou conjunto de destinatários privilegiados. Noutros, a atenção concentra-se numa única carta e em possíveis ramificações dela (Mariana Pinto dos Santos, Nuno Amado), ou no modo inerentemente epistolar como Pessoa se relacionava com a posteridade (Joana Matos Frias). Resultando de preocupações distintas, os ensaios agora publicados mostram a relevância de (re)pensar o epistolar em Pessoa, seja porque se trata de um *corpus* sempre em apuramento, seja porque permanece a descoberta, nas cartas de e para Pessoa, de pistas e de modelos que nos incentivam à continuação da conversa sobre assuntos pessoanos.

Joana Matos Frias, Nuno Amado e Rita Patrício

Lisboa, Outono de 2025

ISSN 2183-4075